Revista CORALINA
ISSN 2675-1399

Dossiê *Estudos de Língua, Literatura e Interculturalidade*

POR UMA APROXIMAÇÃO ENTRE UNIVERSAIS LINGUÍSTICOS E A SEMÂNTICA DAS LÍNGUAS

For an approximation between linguistic universals and the semantics of languages

Elisandra Filetti (FL/UFG)
elisandra_filetti@ufg.br
Orcid: 0000-0002-6673-1661

Resumo: A proposta deste artigo é retomar alguns princípios epistemológicos que orientaram teorias de natureza relativista e inatista ao longo do século XX e como esses conceitos continuam contemporâneos, considerando os avanços das pesquisas linguísticas já empreendidas. A retomada desses conceitos permite ao cientista da linguagem relacionar a tradição dos estudos da linguagem a novas perspectivas no avanço das teorias e dos pontos de vista que as governam.

Palavras-chave: Universais Linguísticos. Relativismo Linguístico. Inatismo.

Abstract: The purpose of this paper is to recover some epistemological principles that guided relativistic and innate theories throughout the twentieth century and how these approaches are still contemporary, considering the advances in linguistic research already undertaken. The resumption these concepts allows the scientist to relate the language´s tradition to new perspectives on the theory´s advancement and to viewpoints that govern them.

Keywords: Linguistics Universals. Linguistic Relativism. Inatism.

Por uma aproximação entre universais linguísticos e a semântica das línguas

Introdução

A natureza da linguagem é um campo bastante controverso, uma vez que a língua é um constructo humano que representa os eventos do mundo, os estados de coisas que originam cada processo linguístico. Entender a origem das línguas, o caráter social ou biológico da linguagem, o entrecruzamento linguístico, é uma tarefa que não se esgota, pois a complexa rede de linguagem envolve não somente a constituição do sujeito, mas a interação deste com outros indivíduos, em situações diversas que exigem dos falantes atitudes de antecipação e reelaboração não somente do que pensam, mas também da realidade circundante e do próprio tempo da enunciação.

O complexo mundo linguístico envolve dimensões gramaticais e discursivas que se conectam, mas que também funcionam autonomamente dentro de seus domínios. Assegurar que a língua tem um caráter social não implica dizer que ela não apresente um mecanismo de elaboração que seja inerente à espécie humana, ou melhor, que a língua não seja constituída por um aparato genético, mental humano, como afirmam os gerativistas. As hipóteses que acompanham os estudos linguísticos ao longo de muitos séculos têm apresentado uma alternância de posições teóricas que, ora assumem os fenômenos linguísticos e a aquisição da língua sob uma perspectiva racionalista, submetida a uma análise acurada das estruturas que a compõem, ora dão relevância ao papel da experiência sobre a constituição da linguagem, aliando-a ao uso que os falantes fazem da língua. Os debates em torno da natureza social ou biológica da linguagem permeiam as teorias linguísticas contemporâneas como posições muitas vezes antagônicas.

O propósito deste artigo é fomentar algumas reflexões sobre os discursos e as duas das principais abordagens linguísticas que, a meu ver, estabeleceram questões cruciais sobre a natureza da língua em relação ao papel do falante no processo de aquisição de uma língua natural, bem como do avanço da Linguística ao longo de todo o século XX e início deste século.

É importante entender que o funcionamento da língua envolve a integração e a conexão de uma série de níveis gramaticais que se relacionam a fim de sistematizar aquilo que os falantes desejam expressar. A natureza da linguagem, como afirma Jespersen (1948, p. 02), em *The Philosophy of Grammar.*

> The essence of language is human activity – activity on the part of one individual to make himself understood by another, and activity on the part of that other to understand what was

> in the mind of the first. These two individuals, the producer and the recipient of language, or as we may more conveniently call them the speaker and the hearer, and their relations to one another, should never lost sight of if we want understand the nature of language and of that part of language and of that part of language which is dealt with in grammar.

Revisitar a discussão a respeito do caráter social, cultural ou inato da linguagem é recuperar questões primordiais para o desenvolvimento da Linguística como ciência, é repensar os métodos e abordagens teóricas com um olhar filosófico acerca de todo o conhecimento sistematizado pelas pesquisas linguísticas, cognitivas.

O homem, como indivíduo, constitui-se em sociedade e exerce influência sobre ela, por ser o campo social uma instância através da qual organiza o meio em que vive. Se a língua é social, é movida pela interação e, por outro lado, pelos movimentos cognitivos típicos à espécie humana, dando à mente também uma importância na constituição dos fenômenos linguísticos.

As reflexões empreendidas neste artigo intencionam estabelecer uma remissão às visões filosófico-científicas das teorias de base inatista e relativista que muito contribuíram para a investigação linguística, como paralelos envolvendo perspectivas que aparentemente são antagônicas, mas que podem dialogar em busca de uma compreensão mais ampla dos processos gramaticais de interação.

1.0 . Dos princípios universais

Entender se há algo comum às línguas humanas que as aproximem ou à organização sócio-cultural, cognitiva que permita entender princípios e padrões gerais é uma preocupação antiga nos estudos da linguagem, já esboçada na Grammaire de Port-Royal (ARNAULD e LANCELOT, 2001) e que estão na base das abordagens teóricas mais relevantes da Linguística Contemporânea. A hipótese relativa aos universais linguísticos sustentou muitos estudos que procuravam a origem comum para as línguas do mundo. Estudos histórico-comparativos objetivavam estabelecer a genealogia das línguas indo-europeias, a descrição e análise das famílias de línguas. A busca, no fim do século XIX e início do século XX, por uma proto-língua representava o interesse dos linguistas em descobrir a língua-mãe que originou os diversos ramos linguísticos e poder explicar semelhanças gramaticais das línguas a partir de uma perspectiva histórico-comparatista. Como esses estudos, apesar de fundamentais para a descrição, comparação e história das línguas, não puderam reconstruir fielmente a origem das línguas, devido à ausência de dados significativos para reconstruir

esses padrões, a análise histórica dá lugar à investigação estruturalista dominante no século XX.

A Linguística estrutural que surge se fundamenta na descrição das línguas, a partir de uma perspectiva sincrônica, voltada para as estruturas morfológicas e fonológicas, sobretudo, e para o sistema formal da gramática das línguas. Nesse contexto, ganha espaço os conceitos de *estrutura* e *sistema*. Os estudos de natureza histórica, cujos dados eram documentais, deixam de constituir objeto de interesse de muitos linguistas, que se voltam para a descrição de dados de fala, contemporâneos e ilustrativos do funcionamento das línguas americanas, por exemplo.

Em cada época, uma posição filosófico-linguística embasa a concepção de abordagem metodológica na descrição e análise das línguas a fim de conferir dinamicidade ao debate sobre a natureza dos fatos linguísticos e à adequação do método. Como sempre existiu esse movimento de revisita a conceitos inatistas/racionalistas e relativistas, vertentes que acompanham o debate científico sobre qual método melhor representa uma perspectiva científica sobre os estados de coisas.

Do ponto de vista linguístico, não se pode negar a necessidade que a Linguística tem de definir um método científico ou métodos e objeto de investigação como qualquer ciência. Esse recorte epistemológico, além de evidenciar uma posição ideológica da orientação científica, que se dedica a decompor, analisar o objeto em partes, a reuni-lo, estabelecer relações e hipóteses, a fim de entender seu funcionamento, sob todas as suas nuances, é uma tarefa complexa e necessária.

O que cientificamente entendemos como verdade é apenas um recorte, uma fração do todo, estabelecida a partir do olhar do pesquisador. Assim como não se pode negar a importância do recorte epistemológico para a ciência, não se pode esquecer de que o homem é dotado de uma capacidade de raciocínio, que lhe permite ter um pensar sobre si e sobre outros objetos de interesse, e que faz um uso intencional da linguagem, refletindo sobre sua função e as implicações que a linguagem permite. Busca, além disso, as origens sócio-culturais, cognitivas das línguas, acomodadas numa dada cultura, estabelecida historicamente, procurando entender os meandros do funcionamento da mente.

O funcionamento da língua não parece ocorrer somente a partir das conexões neurais, por meio de sinapses e processos cognitivos mais ou menos complexos, como organização abstrata de formas e conteúdos, as metáforas e metonímias, mas também parece ser um processo recursivo também no mundo externo, que interfere nesses processos biológicos. A esse respeito da importância dos processos sociais sobre a linguagem, Hymes (1974) afirma que

> Juntos, papel social e prescrições situacionais determinam a ordem de precedência dos falantes, convenções de polidez, fórmulas apropriadas e estilos de expressão, bem como tópicos de discussão! Bernstein propõe o que é, em termos convencionais, uma única língua e parte de uma comunidade de fala simples, e discute como a estrutura das relações sociais pode gerar e sustentar dois diferentes sistemas de codificação, em geral, sistemas cujas diferenças têm consequências importantes para a vida e as escolhas, talvez para a visão de mundo e para os valores de crianças cuja experiência e situações de comunicação podem levar a uma única competência. (HYMES, 1974: p. 04 -Tradução minha)

A competência comunicativa, definida por Hymes (1974), pertence ao domínio do desempenho que os falantes têm em sua língua materna, cujo sistema gramatical de uma língua parece estar preparado para a inserção de forças externas a ele, originadas nas necessidades de interação dos falantes e de suas necessidades de se constituírem como membros de um grupo social, o que é garantido mediante as práticas de linguagem. Ao contrário do que afirma Chosmky (1959), que circunscreve o papel da organização linguística a uma função mentalista, que gere todas as regras e princípios do desempenho linguístico.

A diferença entre essas perspectivas se estabelece no ponto de partida do processamento da linguagem: nas teorias de cunho interacionistas, a língua, seus processos são construídos na interação dos falantes, com base em sua intenção comunicativa e em relação às condições sociais de interação, sendo os sujeitos capazes de articular a linguagem porque há um aparato biológico para isso, mas este é submetido à ordem social, que apresenta situações de interação específicas ao momento da interação humana. Na perspectiva inatista, o processamento da linguagem é predominantemente mental, biológico, cuja estrutura inata é ativada no contato social, sendo um processo autônomo, criativo, independente quanto ao funcionamento da Gramática Universal, isto é, da capacidade biológica do falante. O ambiente social é um coadjuvante no processamento da linguagem apenas. A partir da concepção de língua chomskiana, os sistemas sociais estabelecem condições de realização da competência do falante, sendo externos a ela, e representando outros módulos que não interferem diretamente sobre a arquitetura linguística.

No âmbito da Linguística de caráter social, ressaltar a importância dos aspectos culturais estabeleceu um paradigma que se distanciava da pura descrição estrutural de dados e passava para a aproximação entre a configuração do sistema gramatical das línguas e do sistema cultural que as envolvia. Assim, a linguística antropológica firmava-se como um ramo de pesquisa que defendia a conexão entre cultura, língua e a constituição dos povos (Claude Levi-Strauss, Dell Hymes,), o que contribuiu significativamente para a compreensão de como povos e línguas desconhecidos até então mantinham sua cultura, seus conhecimentos vivos, transmitidos exclusivamente por meio da oralidade, diferentemente de como a sociedade ocidental havia preservado suas tradições, por meio de registros escritos.

O que se delineia até esse momento, é o esboço de duas posições teóricas bastante relevantes para a Linguística contemporânea acerca do surgimento e sistematização das línguas naturais: a visão inatista, que concebe a língua como resultado de uma capacidade inata do homem para desenvolver qualquer sistema linguístico (CHOMSKY, 1965, 1981) e a visão relativista (SAPIR e WHORTH, 1921; WIERZBICKA, 1997), que propõe que a língua é manifestação da estrutura social que sofre influência e influencia a organização gramatical, sócio-política de um povo. A seguir, a relação entre aquisição da linguagem motivada por princípios universais, pré-determinados ou construídos socialmente na interação entre falantes serão abordados.

2.0. Sobre a aquisição da linguagem: princípios universais e/ou socioculturais?

Com o debate a respeito da existência ou não de uma faculdade inata de linguagem, estudos relativos à aquisição de línguas ganharam relevância ao constatar-se a exímia habilidade das crianças muito pequenas, em usar qualquer língua materna ou também em casos de bilinguismo. Com base nessas observações, a aquisição da linguagem é um fenômeno considerado universal a todo indivíduo, ou seja, é natural à espécie humana, pois todos os indivíduos, em situações propícias, desenvolvem essa capacidade interacional. A questão é saber se há princípios cognitivos, da estrutura mental, organizando essa capacidade de interação.

Diante dessas considerações, acima expostas, vêm à tona questionamentos a respeito dos princípios universais nas línguas, da diversidade cultural e linguística, da relação língua-

cultura e, sobretudo, da oposição estabelecida entre inatismo e relativismo. Talvez o debate mais profícuo da história da Linguística.

Com o desenvolvimento de estudos sobre a aquisição da linguagem, principalmente a partir das pesquisas gerativistas, torna-se difícil negar a existência de um aparato biológico que permite aos indivíduos, por meio de uma língua natural, utilizá-la para se comunicar, para interagir socialmente. Tampouco se pode negar que essa faculdade de linguagem seja desenvolvida, ativada no meio social. A esse respeito, Langacker (1980: p.245) afirma:

> O problema de compreender a aquisição da linguagem é o de descobrir exatamente como a criança chega a possuir o sistema linguístico abstrato que é grandemente responsável pela formação de sua atividade verbal. A natureza desse processo, em sua maior parte, não é conhecida. Não dispomos de uma teoria adequada para explicar, passo a passo, a descoberta pela criança da estrutura de sua língua.

A raiz da investigação linguística reside então em saber quanto da aprendizagem linguística de uma criança é determinada biologicamente e quanto é determinada pela influência da cultura.

A Linguística tem visto, desde seu surgimento, um debate profícuo entre pontos de vista ora excludentes, ora conciliatórios, a respeito dos princípios científico-filosóficos que regem tais debates. Saber se a linguagem é determinada biológica ou culturalmente limita as pesquisas a um único caminho possível, binário, o que restringe o poder explicativo da ciência em relação à multiplicidade de fatores e fenômenos envolvendo a interação linguística. Entretanto, me parece ser precipitado assumir que aquisição de linguagem deva-se a apenas um tipo de processo: sendo orientado socialmente ou decorrente de princípios e regras pertencentes a um aparato cognitivo.

2.1.1.Princípios universais da linguagem

A posição inatista que considera haver uma faculdade de linguagem, constituída biologicamente no homem, explicita uma clara posição filosófica e política a respeito da existência humana: a de que todo e qualquer indivíduo nasce predisposto biologicamente a desenvolver uma ou mais línguas, desde que sua capacidade intelectual não tenha sido afetada. Essa posição estabelece historicamente um plano divisor entre concepções

behavioristas, que defendem o postulado de que homem é moldado pelo ambiente e, de outro lado, põe em relevância a disposição biológica do homem para exercer a linguagem, uma capacidade inata que lhe permite constituir-se como ser social.

Ao destacar o princípio inatista, as teorias linguísticas preocupadas com a natureza psicológica da linguagem, em especial, a Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1965, 1981, 1995) apresentou um papel científico determinante para uma mudança no modo como se fazia pesquisa linguística a partir da metade do século XX, durante o qual a perspectiva estruturalista orientou pesquisas empiristas predominantemente.

Do ponto de vista do modelo teórico gerativista, a defesa acerca da existência de *universais linguísticos* é posta em evidência novamente, e contrapõe-se fortemente à concepção behaviorista de Skinner (1957), segundo a qual a aquisição do conhecimento é fruto da experiência e da repetição. É importante ressaltar que o pensamento racionalista de Descartes, no século XVII, já defendia a capacidade de o homem gerir sua expressão e pensamento a partir da existência de "idéias inatas" e, também, ressalta-se o trabalho de Arnauld e Lancelot, com a *Grammaire de Port-Royal*, segundo a qual gramática e pensamento estão relacionados porque aspectos racionais envolvem a construção do pensamento gramatical.

Para a abordagem inatista, as línguas naturais constituem sistemas de regras regulares, pois têm na faculdade de linguagem, um órgão mental, comum a todos os falantes de uma dada língua, a Gramática Universal (GU). Assim, qualquer variação existente nas línguas do mundo, para essa teoria, é oriunda de parâmetros estruturais que incidem, de modo muito reduzido, sobre as línguas, evidenciando uma distinção de parâmetros de preenchimento ou não de traços linguísticos que caracterizam, por exemplo, a marcação da ordem dos constituintes nas orações.

> Basicamente, para Chomsky, a língua final de um indivíduo é o resultado do contato de seu órgão mental da linguagem, a Gramática Universal (geneticamente transmitida e específica da espécie humana), com a língua específica falada pela comunidade na qual o indivíduo se insere. Além disso, para Chomsky (cf. Chomsky 1959, 1965, 1986, 2005 e 2006, por exemplo, e Piatelli-Palmarini (1980)), o estímulo que o indivíduo recebe do seu meio é por demais escasso e instável, de modo que ele sozinho não explica toda a sua capacidade lingüística. (GONÇALVES, 2008: p. 29)

Ao adotar uma posição universalista, descarta-se a possibilidade, segundo Gonçalves (op. cit.) de que a hipótese relativista (Cf. Sapir-Whorf, 1956) seja adequada aos fatos da

linguagem, à intervenção dos fenômenos socioculturais sobre a língua que é também manifestação desses níveis.

A polarização de abordagens sobre os fatos de linguagem contribuiu enormemente para a evolução do pensamento sobre a organização das línguas. No entanto, por que a polarização é a proposta mais viável para se entender como o falante exerce a língua?

3.0 – Por que pensar numa abordagem etnocêntrica da língua?

Em contraposição ao inatismo, teorias linguísticas de cunho social, antropológico vêem com desconfiança a existência de formas universais presentes nas línguas naturais. A abordagem relativista trata a língua como um fenômeno que estrutura o mundo mediante o uso da linguagem, uma vez que a língua influência o modo como o indivíduo atua sobre a realidade. Nesse sentido, crenças e conceitos estabelecem visões de mundo que podem variar de cultura a cultura e que são expressos por formas particulares a cada língua.

Gonçalves (2008:20) defende que

> A fonte científica do relativismo diz respeito a novos modos de abordar diferentes teorias e paradigmas, respeitando suas maneiras individualizadas de recortar a realidade. Uma vez que certos modos de pensamento e de descoberta de conhecimento são colocados acima de outros como melhores e vistos como únicos ou exclusivos, há o perigo de se descartarem os tipos alternativos de conhecimento por não serem parte desse modo padronizado de fazer ciência. (GONÇALVES, 2008: p.20)

Os trabalhos de Edward Sapir influenciaram muito o olhar de linguistas na relação entre pensamento e comportamento linguístico. Sapir dedicou-se a estudos de línguas indígenas, de base antropológica, além de apresentar em *Language (*1921*),* uma teoria acerca da influência da cultura sobre a forma como os falantes constroem suas representações linguísticas, apresentando um modelo de influência recíproca entre língua e pensamento.

> Language has a setting. The people that speak it belong to a race (or a number of races), that is, to a group which is set off by physical characteristics from other groups. Again, language does not exist apart from culture, that is, from the socially inherited assemblage of practices and beliefs that determines the texture of our lives. Anthropologists have been in the habit of studying man under the three rubrics of race, language, and culture. One of the first things they do with a natural area like Africa or the South Seas is to map it out from this threefold point of view.

Concebendo a língua como “sistema funcional completo que pertence à constituição psíquica ou ‘espiritual’ do homem” (Sapir, 1954:24), o autor já aludia a pesquisas que

tentavam entender a linguagem como um fenômeno cultural, mas que também apresentava uma manifestação do pensamento, da mente. Diante das dificuldades de se comprovar tal hipótese, Sapir propõe uma visão "holística" da linguagem e então surge o questionamento sobre a existência do pensamento sem linguagem.

Essa reflexão discute como um conteúdo interno e externo à língua atuam na organização linguística e como esses funcionamentos se articulam na organização da interação social. Nesse sentido, motivações intralinguísticas e extralinguísticas atuam conjuntamente na expressão do pensamento, amparada por uma macro-estrutura social.

Para Sapir, o linguista deveria apresentar um olhar relativista sobre o comportamento linguístico humano, evidenciando uma análise destituída de preconceitos quanto à organização gramatical das línguas e quanto à diversidade cultural existente e característica a elas.

Em *The relation of habitual thought and behavior to language (1941),* Sapir discute como a língua interpreta e molda a realidade, ou seja, como modelos gramaticais representam a interpretação da experiência do falante em relação às coisas do mundo. Ao analisar sistemas linguísticos como os das línguas indo-europeias, já bastante estudadas pela tradição comparativista, e o sistema da língua Hopi, da região nordeste do Arizona e oriunda do Asteca, Sapir observa que a maneira como o povo Hopi organiza os padrões de pluralidade e de temporalidade em sua língua são expressamente diferentes do padrão europeu e estadunidense, uma vez que essas marcas gramaticais estão relacionadas ao modo como aquele povo percebe a passagem do tempo, a quantificação dos objetos e seres do mundo. A percepção da realidade implica uma organização gramatical também distinta, uma outra ordem etnossintática e semântica, o que explicaria as diferenças culturais de representação do mundo, em certa medida.

Foi no início da década de 30 que Sapir e Whorf (1956) apresentaram a Hipótese Relativista, segundo a qual as culturas expressam modos mentais distintos de representar o mundo e que a língua, por sua vez, categoriza linguisticamente essa distinção. A hipótese de Sapir-Whorf deu um amplo incentivo a pesquisas que pretendiam estabelecer uma forte relação entre determinação da cultura na constituição da gramática das línguas.

Para os autores, as diferenças gramaticais apresentadas pelas línguas são evidências do modo como os povos categorizam as entidades do mundo, linguisticamente. Assim, fenômenos como a derivação verbal podem ser diferentes de língua para língua. A hipótese de

Sapir-Whorf atribui à cultura um papel preponderante na constituição da gramática de uma comunidade de fala, de um universo mental que a organiza, e essa gramática expressa subjetiva e culturalmente o mundo a partir da representação de seus falantes.

Hymes (1974: 19), apresenta uma reflexão importante sobre a natureza sociolinguística:

> It is especially important to notice that delineations of communities in these respects are crucial to understanding of the place of language in culture, and to understanding of the particular place of language in culture signalled by what is commoly called the Sapir-Whorf hypothesis. To assume that differences in language shape or interact with differences in world view is everywhere the same. Indeed, anthropological thought quite generally has tended to assume identity or equivalence of function for language throughout the world.

Ao propor a hipótese relativista, Whorf, a partir do trabalho de Sapir, abre um questionamento a respeito do papel da ciência linguística, que se propõe a estabelecer a verdade científica, com base em padrões de observação da realidade objetiva, e que essa verdade depreendida dessas observações é inquestionável. Evidentemente que a perspectiva relativista se recusa a aceitar a hipótese do universalismo linguístico, porque entende que a língua é uma manifestação particular de uma cultura específica, construída sócio-historicamente e não determinada por princípios gerais, como prevê a hipótese universalista.

Outros autores como John J. Gumperz e Stephen C. Levinson (1996), mais recentemente, deram continuidade a pesquisas de caráter relativista e revisitam a hipótese, propondo que aspectos cognitivos agem associados a aspectos sociais. John Lucy (1976), por sua vez, argumenta que as influências entre língua e pensamento sempre constituíram objeto de interesse para a comunidade científica, embora esbarrem muitas vezes em problemas de caráter metodológico.

Para que a pesquisa linguística pudesse acessar a relação linguagem-pensamento, seriam necessárias pesquisas que investigassem uma dimensão gramatical até então muito nova – as interfaces gramática/cognição. Além disso, as pesquisas linguísticas teriam de se basear em *corpus* significativos de diversas línguas, de modo a identificar propriedades das línguas naturais que permitissem a diversidade linguística, bem como o papel que a cultura exerce nessa variada organização interacional. A investigação sistemática de padrões de uso cultural (crenças e práticas sociolinguísticas) constituiriam o campo propício para a observação e análise da língua contextualizada, da interação.

O fato de o homem organizar a língua a partir de elementos semióticos, segundo Lucy (op. cit.), altera a visão de mundo que cada povo expressa. Nesse sentido, a relatividade semiótica considera que as estruturas formais da língua são orientadas semântica e pragmaticamente e que essas estruturas manifestam culturalmente valores que constituem o sistema simbólico único de um povo. Assim, Lucy (1976) defende a ideia de que a estrutura da língua e sua funcionalidade discursiva não são isoladas uma da outra. O discurso influencia a estrutura gramatical das línguas e o modo como os falantes concebem o mundo, pois o mundo é expresso mediante a linguagem.

4.0 – Os universais linguísticos para Chomsky

De outro lado, ao propor a teoria da Gramática Gerativa, Chomsky, que no século XX postula a existência da Gramática Universal (GU), como parte da dotação genética do homem, traz à tona o papel da mente como elemento central da competência linguística humana. A GU constitui o estado inicial do mecanismo de aquisição da linguagem, dotado de princípios e propriedades que constituem as línguas particulares. A pesquisa gerativista se detém no estudo e descrição das línguas, buscando entender o estado inicial da Gramática Universal, ou seja, o sistema de competência linguística que permite ao falante desde cedo exibir sua gramática de modo autônomo.

A teoria da Gramática Universal, nessa perspectiva, deve ser suficientemente flexível para "acomodar a variação entre as diferentes línguas, mas tem ao mesmo tempo de possuir a rigidez necessária para explicar as propriedades altamente específicas que caracterizam o conhecimento final dos falantes". (RAPOSO, 1996, p. 47)

No modelo chomskiano, a sintaxe é o módulo principal do sistema gramatical, sendo responsável pela geração de representações internas, mapeadas pelo componente sensório-motor, pelo sistema fonológico e pelo componente intencional-conceitual e semântico. Essa é a arquitetura proposta por Chomsky para a GU, como um constructo que evidencia a capacidade de geração de expressões infinitas a partir de elementos finitos, conforme estabelecido em *Aspects of Theory of Syntax (1965).*

Com a evolução da teoria, e a partir das necessidades de ajuste metodológico na Teoria Padrão, Chomsky elabora o modelo de *Princípios e Parâmetros (1981)* que incorpora a organização gramatical em módulos autônomos, restringindo o sistema de regras categoriais

e sintagmáticas, que passa a ser governado por princípios e regras gerais mais restritivos. Esta organização considera que a GU apresenta princípios rígidos, invariáveis atribuídos a qualquer gramática. Um exemplo é o *Princípio de Projeção* que prevê que as línguas apresentam um NP sujeito e um VP predicado (Cf. RAPOSO, 1996). Concomitantemente aos princípios, há um conjunto de *parâmetros,* princípios abertos da gramática que devem ser fixados ao longo da aquisição de uma língua particular. Nesse sentido, a criança ao adquirir uma língua, desenvolve formas lexicais, que, por sua vez, apresentam propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas, previstas no Léxico, e atribuídas e fixadas à forma final da gramática adquirida pelo falante. Nesse modelo, são os parâmetros que dão opções possíveis de realização morfossintática e fonológica das línguas, de um modo muito limitado. Dessa maneira, as possibilidades variacionais nas línguas, conforme a gramática gerativa, são previstas pelo sistema e conduzidas rigidamente por ele.

Um exemplo ilustrativo refere-se aos exemplos que Raposo apresenta em relação à fixação do parâmetro de Sujeito Nulo no Francês e no Português.

(1) ___já chegaram da escola

(2) a. *____sont déjà arrivé de l´école.

As línguas naturais apresentam uma estrutura argumental que prevê o preenchimento de casas argumentais destinadas à função sujeito e à função objeto. Essa parece ser uma evidência de universal linguístico. Dentre os diversos tipos de línguas, há aquelas que expressam morfossintática e fonologicamente o sujeito ou o objeto e há aquelas que não o realizam. Nos exemplos citados, a recuperação do sujeito, em Português, é possível, caracterizando-o como uma língua de sujeito nulo, enquanto o Francês não aceita tal possibilidade, exigindo o preenchimento da casa argumental. Embora a estrutura argumental preveja o preenchimento dessas casas, cada uma das línguas apresenta um parâmetro distinto sobre sua realização.

Em termos de aquisição, a criança, diante dos dados linguísticos a que tem acesso na interação, reconhece o parâmetro adequado à sua língua, por meio da experiência linguística e fixa-o, definindo então o tipo de realização de sujeito em sua língua materna.

Os desenvolvimentos recentes da Gramática Gerativa reafirmam a existência da faculdade de linguagem inata ao falante, bem como de princípios universais que organizam esse sistema gramatical. Muitas adequações têm sido feitas ao longo de mais de 50 anos de

existência de estudos gerativias, buscando restringir as condições que envolvem a faculdade de linguagem, determinando que condições sejam impostas a um componente da mente/cérebro, dedicado à linguagem e expresso por dois outros componentes: o sistema cognitivo, que dá origem, armazena, põe à disposição do falante as informações da estrutura gramatical e o sistema de performance, que organiza e reorganiza essas informações, usando-as de diversas maneiras. (Cf. Chomsky, 1993; Raposo, 1999, a respeito dos postulados do *Programa Minimalista*)

4.1.Outras perspectivas sobre os universais linguísticos

As seções anteriores foram organizadas de modo a estabelecer um panorama acerca das tradições e relativistas inatistas nos estudos da linguagem. Chamo-as de tradições porque se estabeleceram no cenário da Linguística como teorias que desencadearam debates profundos e sistemáticos sobre a origem do sistema linguístico e sua função na constituição do homem.

O objetivo principal deste artigo consistiu em apresentar os princípios filosóficos e metodológicos dessas duas abordagens teóricas, sem desmerecer as demais teorias linguísticas representativas do século XX, e que estão relacionadas a uma ou a outra vertente teórica, apresentando a importância de se revisitar outras teorias para o entendimento da tradição dos estudos linguísticos.

A Linguística, desde Saussure delineou campos diversos de análise e estendeu seu campo de atuação para além da estrutura gramatical das línguas. Os estudos da linguagem não se limitam apenas à ordem da frase, mas à do discurso, dos contatos entre línguas, entre sistemas culturais, embora o questionamento acerca da natureza da língua como um sistema biológico ou cultural esteja subjacente aos novos empreendimentos da pesquisa linguístico-congnitivista (GOLDBERG, 2001).

Se por um lado, as pesquisas linguísticas admitem o caráter psicológico envolvido na aquisição das línguas, a existência de um órgão mental destinado à linguagem, as pesquisas etnolinguísticas também admitem a conexão da estrutura linguística com a cultura e do contato intercultural. O importante para o avanço da ciência linguística é reconhecer em que dimensões a organização gramatical, discursiva, histórica, cultural integram-se.

Os trabalhos de Wierzbicka (1997) sobre os contatos linguístico-culturais de povos como poloneses, russos, entre outros, nos apresenta um exemplo de como é possível integrar dimensões culturais e linguísticas, buscando no sistema da língua "chaves para a compreensão da História, das nações, da sociedade" e, por que não, da gênese da gramática, da sua semântica das línguas. Em *Emotional Universals,* Wierzbicka (2008) estabelece uma discussão a respeito do uso dos itens lexicais 'sentimento' e 'emoção', em inglês, italiano e russo, como palavras relativas a tipos de emoção que são extremamente importantes para as pessoas. E essa distinção é difícil de fazer, já que seu sentido parece advir de "um voo de subjetividade", como diz Birtch (1995, citado pela autora). Os sentidos atribuídos às palavras que indicam emoção, em inglês, são muito próximos da relação que se estabelece entre o que se pensa sobre o sentimento e o corpo de uma pessoa. Exemplo: as palavras que indicam sentimento de fome ou de paixão podem estar relacionados a aspectos físicos de quem sente (em português, por exemplo, "morta de fome"), já palavras relacionadas à emoção, como solidão, alienação", não.

Segundo Wierzbicka,

> mesmo culturalmente, bem como geneticamente, línguas intimamente relacionadas com o Inglês fornecem provas de maneiras diferentes de se conceituar e de se categorizar a experiência humana. (Wierzbicka,1995, p. 25). Já no Alemão, não há qualquer referência da palavra *Gefühll* (sentir) que expresse qualquer distinção física ou psicológica.

Para a autora, analisar "emoções" é uma maneira de nos apropriarmos de uma metalinguagem semântica e a universalidade dos conceitos de sentimento, emoção devem ser tratados com cautela, que são categorizados de maneira diferente pelas gramáticas das línguas.

O levantamento da tipologia verbal nas línguas, de palavras que indiquem emoções parece imprimir dúvidas quanto ao papel da mente e da cultura no estabelecimento desses conceitos, estabelecendo questões como: existe qualquer emoção humana universal? Se os padrões psicológicos das emoções são inatos e, se há uma base biológica para a linguagem ou mesmo cultural, é possível que as línguas expressem esses conceitos?

Plutchik (1994:54) supõe que apenas um pequeno número de emoções é considerado básico, e que todas as outras emoções são derivadas desse conjunto primário. Ao abordar a relação lexical da semântica das línguas, Wierzbicka estabelece as diferenças

lexicais das emoções nas mais diferentes línguas, testando se essas línguas aceitam conceitos universais como ‘raiva’, ‘medo’, ou ‘tristeza’, abraçando uma possibilidade de diálogo entre a teoria de relativismo linguístico e da existência de universais linguísticos. Psicologicamente, alguns tipos de emoções primárias como medo, raiva, fome, parecem ser universais e podem ser encontradas em todas as culturas. Entretanto,

> the conceptual categories of "sadness" or "anger" are highly relevant to the speakers of English, and also to the speakers of other languages which have words corresponding in meaning to the English words *sad* and *angry* or *sadness* and *anger*. In many other cultures, however, the conceptual grid provided by language is different. As in the case of "emotion" itself, to find examples of such differences, we don't have to refer to "exotic" languages accessible only to a narrow range of specialists: we can find them easily in German, Italian, or Russian. (Cf. Wierzbicka, 1995).

A proposta de Wierzbicka é estabelecida a partir da análise de cerca de dez emoções consideradas universais que emergem de estudos etnográficos e linguísticos de culturas diversas. Os resultados demonstraram que em todas as línguas analisadas há palavras para sentimentos, que podem ser bons ou maus; há interjeições e outros termos que expressam esses sentimentos (por exemplo, raiva, medo e vergonha); há sinônimos que expressam ações relativas a sentimentos e, principalmente, as línguas apresentam alternativas para construções gramaticais descrevendo e interpretando sentimentos, cognitivamente motivados.

A partir desse estudo, é possível inferir que o conceito de “sentimento” é parte integrante do modelo cultural e universal de um indivíduo, o que significa que em todas as culturas as pessoas atribuem sentimentos a outras pessoas, assim como a elas mesmas. (Wierzbicka, 1995: p. 37)

Essas constatações evidenciam que as pessoas associam lexicalmente sentimentos a tipos de pensamento – eventos e processos envolvendo o corpo físico –, estabelecendo um tipo de iconicidade linguística. Alguns eventos corporalmente visiveis ou audíveis podem ser observados universalmente, como sintomas involuntários, cognitivamente baseados em sentimentos como é o caso de *enrubescer*, processo associativo aos efeitos do sol que deixa a face rubra e, transferido para situações emocionais, causa o efeito nas faces veremelhas, pelo fato de o sujeito estar envergonhado.

Os estudos de etnossintaxe e semântica, que compreendem a importância da construção cultural para a construção das línguas, devem ser objeto de preocupação das diversas áreas da Linguística ao tratar dos modelos de descrição linguística. O estudo da capacidade inata de desenvolvermos cognitivamente uma língua não está distinto do

desenvolvimento cultural dessa cognição. O intuito desse artigo é trazer à tona a necessidade de pontos de convergência dessas abordagens teóricas a fim de compreendermos os fatos de linguagem de maneira mais ampla.

5.0 – Considerações finais

Finalmente, as palavras finais desse texto revelam minha posição em relação à natureza da linguagem: no campo da interação linguística, não há conflitos em relação ao fato de que as palavras tenham uma dimensão biológica, por um lado, e outra social, cultural, por outro. As expressões linguísticas transitam de uma dimensão gramatical a uma dimensão discursiva, cultural, por vezes, translinguística. E é esse complexo sistema de formas e usos que garante a variabilidade de formas e sentidos produzidos pelos falantes de uma dada língua. Talvez, os princípios universais não estejam ligados a uma estrutura linguística ou cognitiva, propriamente dita, mas atuem no campo das interfaces, delineando intenções linguístico-pragmáticas previstas pelo aparelho conceptual de cada falante e constituído e partilhado pelo sistema cultural que o envolve.

O mundo da linguagem é um universo complexo porque envolve subjetividades, conhecimentos enciclopédicos linguísticos ou não, e a expressão desses conhecimentos ocorre na atividade social, mediada pelas expressões particulares de cada língua, mas, ao mesmo tempo, denotando estados de coisas que podem ser comuns a diversas culturas, como podem pertencer ao olhar singular de um falante sobre uma faceta de um mundo repleto de possibilidades.

Antes de um modelo de descrição e análise linguística ser o modelo mais adequado a tal tarefa, cumpre ao pesquisador a tarefa de entender o funcionamento da linguagem e as condições que permitem aos indivíduos adquiri-la. Desse modo, as teorias linguísticas devem estar a serviço de tal empreendimento. Trata-se, portanto, de se descobrir a natureza da aquisição da linguagem e o uso que os falantes fazem desse sistema.

O olhar do linguista deve ser flexível, como afirmou Sapir, para perceber a diversidade, compreender sua complexidade e expressá-la de um modo inteiramente particular, porém não tão distante do sistema partilhado por seu interlocutor. A ciência não é feita apenas de uma visão categórica dos fatos do mundo, mas de vários pontos de vista, moldados pelas experiências intrínsecas do falante com a descoberta de sua língua individual,

bem como do processo de significação e representação cultural que envolve as relações intersubjetivas dos falantes.

Referências Bibliográficas

ARNAULD & LANCELOT. **Gramática de Port-Royal ou Gramática Geral e Razoada**. Trad. Bruno Fregni Basseto e Henrique Graciano Muracho. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
BIRCH, Charles. 1995. **Feelings**. Sydney: University of New South Wales Press.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: o relativismo linguístico e o aspecto criativo da linguagem*. Tese de doutorado. UFPR, Curitiba, 2008. 240 p.

CHOMSKY, Noam. **O Programa minimalista**. Trad. RAPOSO, Eduardo P. Lisboa: Caminho, 1999.

CHOMSKY, Noam. **Aspectos da Teoria da Sintaxe.** Trad. RAPOSO, Eduardo P. Lisboa: Caminho, 1978.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding:** the Pisa lectures. Berlin: Mouton de Gruyter, 1993.

GOLDBERG, Adele. **Constructions Grammars. Cognitive Grounding and theorical extensions.** In: ÖSTMAN, J., FRIED, M. (eds.) John Benjamins Publishing: Amsterdam/Philadelphia, 2001, 1-303 pp.

HYMES, D. 1974 Toward Ethnographies of Communication, in **Foundations in Sociolinguistics: an Ethnographic Approach,** Londres, Tavistock, pp. 1-35.

JESPERSEN, Otto. **The philosophy of Grammar**. London: George Allen & Unwin Press, 1948.

LANGACKER, Ronald W. **A linguagem e sua estrutura.** Petrópolis: Vozes, 1980.

LUCY, John. The scope of linguistic relativity: an analysis and review of empirical research. IN: GUMPERZ, J. J.; LEVINSON, S. C. (eds.). **Rethinking Linguistic Relativity.** Cambridge University Press. 1976, p. 37-69.

RAPOSO, Eduardo P. **Teoria da gramática. A faculdade da linguagem.** Lisboa: Caminho, 1992.

SAPIR, Edward. **Language: an introduction to the study of speech.** New York: Hacourt, whSKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. East Norwalk, CT, US: Appleton-Century-Crofts. 1957.

WIERZBICKA, Anna. **Understanding cultures through their key words.** English, Russian, Polish, German, and Japanese. Oxford University Press, 1997.

WIERZBICKA, Anna. **Emotional Universals**. Language Design 2 (1999, 23-69)

WHORF, Benjamin Lee. The Punctual and segmentative aspects of verbs in Hopi (1936a). *In:* CARROLL, John B. Language, **Thought, and Reality. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf.** Cambridge, MA: The MIT Press, 1956.